

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS

PENSARDIVERSO

novembro 2019



insularidades



pensardiverso

Proprietário/Editor

Universidade da Madeira

NIF

680041982

Sede da Redacção

Universidade da Madeira
Colégio dos Jesuítas
Rua dos Ferreiros
9000-082 Funchal
Madeira Portugal
pensardiverso@uma.pt

Design

Susana Gonzaga

Periodicidade

Anual

Edição: Novembro 2019

Tiragem

500 exemplares

Impressão

Gráfica ACDPRINT
Rua Marquesa de Alorna,
12 A, Bons Dias
2620-271 Odivelas

Anotada na ERC

Depósito Legal

298194/09

ISSN

1647-3965

Estatuto Editorial

<http://links.uma.pt/docs/pensardiverso/estatuto.editorial.pdf>

Direcção Científica

Celina Martins

Conselho Editorial

Aline Bazenga
Dominique Castanheira da Costa
Naídea Nunes Nunes
Odete Jubilado
Celina Martins

Comissão Científica

Aline Bazenga (Universidade da Madeira)
Ana Isabel Moniz (Universidade da Madeira)
Cristina Robalo Cordeiro (Universidade de Coimbra)
Fernando Cristóvão (Universidade de Lisboa)
Kelly Basílio (Universidade de Lisboa)
Leonor Coelho (Universidade da Madeira)
Manuel Frias Martins (Universidade de Lisboa)
Margarida Pocinho (Universidade da Madeira)
Maria Antónia Mota (Universidade de Lisboa)
Maria Celeste Augusto (Universidade de Utrecht)
Nelson Veríssimo (Universidade da Madeira)
Neusa Bastos (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
Paulo Miguel Rodrigues (Universidade da Madeira)
Rita Godet (Universidade de Rennes)
Vitor Magalhães (Universidade da Madeira)

**Neste número, colaboram também
como avaliadores *blind peer review***

Jane Tutikian (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Insularidades linguísticas, geográficas e socioculturais: variação semântica de algum léxico diferencial na ilha da Madeira

Naidea Nunes Nunes

Universidade da Madeira

CLUL – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

CIERL – Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais

naidean@staff.uma.pt

RESUMO

Pretendemos observar a variação semântica de algum léxico diferencial na ilha da Madeira junto de estudantes madeirenses do ano letivo 2016-2017, que frequentaram o terceiro ano da licenciatura em Estudos de Cultura na Universidade da Madeira. Os informantes apresentam diferentes origens geográficas (localidades e concelhos) e socioculturais dentro da ilha da Madeira, sendo dez do concelho do Funchal (capital do arquipélago da Madeira, onde reside cerca de metade da população), doze de outros concelhos (principalmente de áreas rurais) e três que nasceram fora da Região Autónoma da Madeira (RAM), nomeadamente dois na Venezuela e um em Inglaterra. Aplicámos um inquérito semântico-lexical aos estudantes na unidade curricular de Práticas de Investigação em Estudos de Cultura, de forma a aferir o conhecimento do léxico em estudo. O inquérito é constituído por uma primeira parte de identificação do informante: género, idade, escolaridade, profissão, naturalidade, incluindo a dos pais e dos avós, assim como contactos linguísticos. A segunda parte do inquérito apresenta uma lista de palavras e expressões de forma a testarmos o seu (re)conhecimento e uso.

Os resultados obtidos mostram que não existem diferenças significativas no conhecimento e uso semântico do léxico testado por localidades e por género (nem mesmo por idade, no caso das três mulheres mais velhas, duas delas já com frequência de ensino superior anteriormente na RAM). Esta continuidade linguística entre as variedades urbana do Funchal e rural das outras áreas geográficas da ilha dever-se-á ao facto de as localidades representadas da capital serem sobretudo zonas periféricas, rurais até há poucos anos, logo mais conservadoras, por oposição ao centro, mais aberto a contactos linguísticos com o exterior. Por outro lado, demonstrará um sentimento de identidade e de pertença linguística e sociocultural dos inquiridos ao Português falado na ilha da Madeira.

Palavras-chave: ***Português Falado na Ilha da Madeira; Linguística Sociocultural; Léxico Diferencial; Semântica Lexical e Cognitiva; Variação Semântica e Lexical***

ABSTRACT

We intend to see the semantic variation of some of Madeira's differential lexis with Madeiran students who have attended the third year of the Madeira University Cultural Studies Degree during the 2016-2017 academic year. The informants came from different geographic (parishes and municipalities) and socio-cultural origins in Madeira Island. Ten were from the municipality of Funchal (the capital of the Madeira archipelago, where about half of the population lives), twelve were from other municipalities, mainly in rural areas, and three of them were born outside the Autonomous Region of Madeira, namely two in Venezuela and one in England. We applied the semantic-lexical survey to students in the Research Practices in Cultural Studies Course, in order to assess their knowledge of the lexis under study. The survey consists of a first part with the informant's identification: gender, age, schooling, profession, place of birth, including the place of birth of both parents and grandparents, as well as language contacts. The second part of the survey presents a list of words and phrases so as to test their (re)cognition and usage. The results show that there are no significant differences in the cognition and semantic use of the lexis tested by place (municipality) and gender, not even by age (in the case of the three elder women, two of them had previously attended higher education). There is, therefore, continuity between Funchal and the remaining geographical areas of the island, in this particular case

perhaps due to the fact that the areas represented in the municipality of the capital are more peripheral, thus more conservative and rural up to a few years ago, as opposed to the centre with more linguistic contacts with the outside. On the other hand, it seems to show the consciousness of identity and sense of linguistic and socio-cultural belonging of respondents to the Portuguese spoken in Madeira Island.

Keywords: *Portuguese spoken in Madeira Island; Sociocultural Linguistics; Differential Lexis; Lexical and Cognitive Semantics; Semantic and Lexical Variation.*

INTRODUÇÃO

Neste estudo, pretendemos observar algumas particularidades semânticas e lexicais do Português falado na ilha da Madeira, a partir de um *corpus* escrito resultante da aplicação de um inquérito a estudantes universitários madeirenses do ano letivo 2016-2017, que frequentaram o terceiro ano da licenciatura em Estudos de Cultura na Universidade da Madeira. Os 25 informantes apresentam diferentes origens geográficas (localidades e concelhos) e socioculturais dentro da ilha da Madeira, sendo 10 do concelho do Funchal (capital do arquipélago da Madeira, onde reside cerca de metade da população), 12 de outros concelhos (principalmente de áreas rurais) e 3 que nasceram fora da Região Autónoma da Madeira (RAM), nomeadamente 2 na Venezuela e 1 em Inglaterra (filhos de migrantes madeirenses com a maior parte da escolarização feita na ilha). Deste modo, constitui uma amostra da realidade madeirense, embora com limitações, designadamente por não incluir todos os concelhos da RAM e por termos um número limitado de informantes em algumas áreas geográficas (uma vez que o estudo foi realizado com o grupo de estudantes referido). Porém, será proporcional à distribuição da população na ilha da Madeira, onde temos 104.628 habitantes no concelho do Funchal e 149.997 nos restantes concelhos, de 254.622 residentes em 2018 (*in Pordata, Retrato da Madeira*, 2018: 8). No âmbito da lexicografia dita diferencial ou diatópica, por oposição à lexicografia geral, visamos atestar a existência, uso e vitalidade de vocábulos e expressões, bem como de aceções regionais madeirenses, à luz do conceito da “situacionalidade sociocultural do significado” (que elucidaremos adiante), dando conta de algumas

particularidades linguísticas existentes na ilha da Madeira. Trata-se de um pequeno contributo para o estudo da configuração lexical e semântica do Português falado na ilha da Madeira, através do (re)conhecimento e uso do léxico diferencial, ou seja, dos regionalismos madeirenses testados no inquérito aplicado aos informantes. Além da variação interna (semântica e lexical) destes, documentámos a sua variação externa, geográfica e sociocultural (principalmente de género, visto que os inquiridos têm praticamente todos a mesma faixa etária e nível de escolaridade, com exceção de 3 mulheres mais velhas, duas delas já com bacharelato feito anteriormente na RAM), tanto no concelho do Funchal como noutros concelhos (sobretudo rurais). Estas diferentes origens geográficas e as vivências mais rurais ou urbanas a elas associadas (variáveis extralinguísticas de urbanidade vs. ruralidade), assim como a variável sociocultural de género ou sexo (homem vs. mulher), podem acarretar variação no conhecimento e uso de determinadas unidades lexicais e respetivos significados. Para o estudo desta correlação entre língua, geografia, sociedade e cultura, utilizámos a metodologia de recolha de dados do inquérito, de forma a testar o conhecimento e emprego, com exemplos de uso, dos vocábulos, recolhendo as definições das palavras e/ou as explicações metalinguísticas fornecidas pelos falantes, o que constitui o *corpus* lexical analisado.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL

Podemos enquadrar este estudo lexical do Português falado na ilha da Madeira dentro da área da Linguística Sociocultural, pois centra-se no (re)conhecimento e uso de regionalismos madeirenses, tendo em conta a variável de género, a par da variável geográfica (localidade e/ou concelho), refletindo a realidade linguística e sociocultural da ilha da Madeira.

A Linguística Sociocultural surge após Edward Sapir (1929) ter recomendado que a análise linguística deveria ir além da diacronia e do estudo formal ou estrutural da língua, apelo reforçado por Hymes (1964), e na sequência do desenvolvimento da Sociolinguística, da Psicolinguística (e da Etnolinguística), que chamam a atenção para a interação social e a cognição humana. Bucholtz & Hall (2005: 586), a propósito da questão da identidade linguística, posicionam o seu trabalho no âmbito da Linguística Sociocultural: “the broad interdisciplinary field concerned with the intersection of language, culture, and society”. Trata-se de uma perspetiva

interdisciplinar, incluindo a Sociolinguística e a Linguística Cognitiva, mas também a Cultura Popular ou Tradicional, entre outras. A abordagem linguística é vista como inseparável do seu contexto sociocultural, ou seja, tem em conta as funções e os significados sociais e culturais no uso da língua.

Enquadramos também este trabalho no âmbito do léxico diferencial. Foi Pierre Rézeau, com o *Dictionnaire des Régionalismes de France* (DRF), quem criou o padrão e sistematizou a metodologia da lexicografia diferencial científica, como escreve Heinz (s/d: 195):

Non seulement parce qu'il respecte les meilleurs standards de la lexicographie générale – cela va de soi – mais surtout parce qu'il a crée les standards de la lexicographie différentielle scientifique. En fait, le DRF fait dialoguer ces deux formes de lexicographie au benefice d'une meilleure description, générale tant que différentielle, du français de France.

Refere que a lexicografia das variedades regionais do Francês nasceu, como género e como tradição, em 1983, com a obra de Gaston Tuailon sobre Vourey, seguida pelo próprio Rézeau em 1984 com o *Dictionnaire des Régionalismes de l'Ouest entre Loire et Gironde*, consagrado a uma grande região, sendo o primeiro verdadeiro lexicógrafo regionalista francês. No DRF, Rézeau compila as variantes regionais do Francês contemporâneo em França, incluindo as respetivas variantes gráficas, com a colaboração de lexicógrafos e reconhecidos regionalistas como Jean-Pierre Chambon, Jean-Paul Chauveau e André Thibault. Como dicionário diferencial (relativo a uma ou mais diferenças), não se interessa pelo denominador comum que é o Francês de referência, mas pelas diferenças ou particularidades lexicais das regiões. A seleção dos vocábulos ou entradas lexicais fundamenta-se em inquéritos com testes de reconhecimento, para confirmar o emprego real das palavras e expressões, aferindo a sua difusão enquanto variantes lexicais do Francês por regiões. A seleção das variantes lexicais regionais teve como primeiro critério o facto de a forma, o significado e o referente que designam não serem conhecidos em todo o país, não fazendo parte do Francês padrão, entre outros critérios, incluindo o de entradas lexicais cuja forma existe no Francês de referência, mas

cujo sentido é restringido regionalmente. Posto isto, apresenta uma grande riqueza informativa da língua, através das suas variantes regionais, com um comentário geográfico e histórico, baseado na documentação lexicográfica e linguística, para a compreensão da variação semântica e lexical. Os exemplos de uso apresentam a respetiva fonte, sendo autênticos ou construídos (sob forma de frases curtas ou de sintagmas frequentes).

Para o estudo da variação semântica e lexical, necessitamos de recorrer aos conceitos de semântica lexical e cognitiva (a experiência ou conhecimento do mundo enquanto representação mental do significado da palavra). Ao longo do tempo, surgiram diferentes abordagens da semântica: (i) a semântica estruturalista, que vê a língua como um sistema autónomo (sendo que o significado de um vocábulo existe pelo seu valor distintivo face a outros, ou seja, não se define como realidade isolada mas em relação com outras palavras); (ii) a semântica referencial, em que uma palavra remete para o seu referente (a língua referencia o mundo); e (iii) a semântica cognitiva, em que a língua referencia o mundo por intermédio da mente, “le langage est une partie intégrée de la cognition humaine” (Langacker, 1987: 46), isto é, a construção de sentido surge das atividades mentais cognitivas. Sabemos que uma unidade lexical, palavra ou expressão, é multidimensional, congregando várias informações, enquanto realidade complexa. A sua definição pode partir da etimologia e evolução da palavra para chegar ao seu significado. Assim, podemos classificar um vocábulo, tendo em conta a sua origem e uso, como usual ou corrente, arcaísmo, populismo, neologismo e empréstimo (Rebelo & Nunes, 2016).

A semântica lexical estuda os significados das palavras de uma língua. Uma palavra tem um sentido referencial e um sentido diferencial; um sentido denotativo e um conotativo, isto é, existem múltiplas dimensões do sentido ou significado de uma palavra. A variação semântica é manifestada através dos usos do vocábulo. Logo, a identidade semântica de uma unidade lexical é uma configuração operacional de propriedades e a variação é um conjunto regular de empregos e suas interpretações. As relações semânticas entre as unidades lexicais são de: sinonímia (palavras com formas diferentes, mas com o mesmo significado ou semelhante, que podem ser usadas para definir uma palavra, em vez de uma paráfrase explicativa), homonímia (palavras com a mesma forma mas que são diferentes), antonímia (a palavra com o significado contrário ou oposto), hiponímia/hiperonímia (relação hierárquica

entre uma palavra e outra mais geral), meronímia (relação parte todo), polissemia (uma mesma palavra apresenta vários significados, podendo ser um deles da língua geral ou norma padrão e outro específico de uma região ou lectal) e colocações ou correlatos (palavras que ocorrem na proximidade de outras ou palavras que apresentam afinidades e tendem a aparecer juntas, por exemplo “argumento de peso”). O estudo de palavras isoladas é diferente do estudo de palavras em contexto porque este, geralmente, desambigua o significado da palavra. Em contexto, a interpretação da palavra, quando tem vários significados (homonímia e polissemia), acontece de forma mais fácil. Surge, assim, a questão da unidade da palavra: em caso de homonímia, estamos perante várias palavras com entradas lexicais diferentes no dicionário, enquanto no caso da polissemia a unidade da palavra existe. Daí termos uma só entrada lexical, subdividida em várias aceções ligadas por relações semânticas – significado abstrato/concreto, metonímia, extensão, analogia, figurado, etc. As propriedades pertinentes ou definitórias são aquelas através das quais um significado se distingue de outros: o conteúdo de uma unidade lexical estabelece-se por distinção com o conteúdo de outras unidades lexicais. Numa definição, existem propriedades genéricas (comuns a outros referentes dentro de uma mesma categoria semântica a que pertencem) e propriedades específicas (em que os elementos duma mesma categoria se distinguem uns dos outros). Uma unidade lexical (simples ou complexa) corresponde a um semema ou conteúdo semântico da unidade lexical que tem por base um sema, propriedade semântica ou constituinte do conteúdo semântico da unidade lexical. Mas esta realidade não é assim tão linear e simples como pode parecer, visto que há a denotação (propriedades inerentes aos referentes) e a conotação (propriedades que podem ser associadas a uma unidade lexical por algum locutor ou grupo de locutores), podendo vir a ser um neologismo semântico que passa a integrar a língua. Surge, então, a polissemia associada às metáforas e metonímias, processos de generalização e especificação, objeto de estudo da semântica cognitiva, revelando a multiplicidade de dimensões dos significados de uma palavra. Por isso, a definição do conteúdo semântico de uma palavra, muitas vezes, depende do seu contexto e o conceito de semântica lexical é essencial, no sentido em que existe uma invariância funcional (sentido) e variação semântica (significado) das unidades lexicais. Segundo Daniel Lebaud (2004), o significado de uma palavra, o seu valor referencial, é o resultado de uma

interação com o seu contexto global num enunciado ou numa sequência. Ou seja, a relação entre o sentido de uma unidade, necessariamente mais abstrato, uma vez que a sua formulação é uma elaboração metalinguística, e os significados que pode assumir. Daí a necessidade de recorrer ao exemplo, já que o emprego supostamente exemplar de uma classe de usos permite a formulação de um significado.

Silva (2010), no quadro teórico da Linguística Cognitiva, mostra a natureza conceptual, dinâmica e enciclopédica do significado lexical, a partir de três perspectivas interligadas: (i) significado na mente (focando o fenómeno da polissemia), (ii) significado na cultura (evidenciando as especificidades culturais dos conceitos lexicais) e (iii) significado na sociedade (mostrando os significados sociais da variação lexical). Especifica que, na semasiologia, existem vários sentidos das palavras (polissemia), várias relações (metáfora, metonímia, generalização, especialização) e prototipicidade (centro vs. periferia). Já na onomasiologia fazem parte os itens lexicais e as suas relações (campos lexicais, taxionomias, quadros, hiponímia, meronímia, sinonímia, antonímia), diferenças de saliência entre categorias, incrustamento e nível básico, segundo o mapa conceptual da semântica lexical. Sobre o facto de dois usos de uma palavra representarem significados diferentes, Silva (2010) levanta a questão de quantos significados tem um vocábulo, respondendo que este é um problema cognitivo, característico da própria instabilidade da polissemia e da flexibilidade do significado. Indica que basta fazer uma análise detalhada dos sentidos de uma palavra para concluir sobre a espantosa flexibilidade semântica das palavras, as nuances e adaptações que ocorrem em contextos específicos, a variabilidade e a mudança inevitáveis, a ausência de significados “essenciais” e a impossibilidade de reduzir o significado das palavras a algum núcleo essencial, isto é, a impossibilidade de definições “essencialistas”.

Posteriormente, questiona de onde vem esta flexibilidade do significado e responde que o significado tem de representar o mundo e esse mundo é uma realidade em mudança. Portanto, novas experiências implicam que adaptemos as nossas categorias a transformações das circunstâncias e que deixemos lugar para nuances e casos desviantes. Acrescenta que outra resposta menos direta é reconhecer que a prototipicidade é um dos seus maiores efeitos, isto é, a polissemia ilustra três tendências do sistema cognitivo: (i) a densidade informativa (categorias prototípicas e polissémicas permitem máxima informação com o mínimo esforço cognitivo); (ii)

a flexibilidade (o sistema categorial deve ser suficientemente flexível para se adaptar a novas circunstâncias); (iii) a estabilidade estrutural (o sistema categorial só pode funcionar eficientemente se mantiver a sua organização geral por algum tempo, se não se alterar drasticamente sempre que uma nova informação tenha que ser incorporada). Assim, segundo Silva (2010), os protótipos têm um duplo efeito, aparentemente contraditório – adaptamos a categoria a novos contextos (flexibilidade) e interpretamos novas realidades com base em conhecimento prévio (estabilidade). Esta declaração explica a variação semântica do léxico diferencial na ilha da Madeira, tal como noutras regiões dentro do território português. O autor prossegue com os problemas representacionais da polissemia, face à flexibilidade do significado, mencionando “o nível dos usos contextuais específicos, psicologicamente mais reais, para o nível dos efeitos de prototipicidade” (Silva, 2010: 34). Afirma que esta perspetiva polissémica é defendida pela maior parte dos semanticistas cognitivos, mas que é importante encontrar significados esquemáticos e outros fatores de coerência semasiológica, dando conta da inevitável flexibilidade e variabilidade do significado: “é necessário procurar o significado esquemático de uma palavra, sem, todavia, o considerar como o significado essencial ou a condição necessária e suficiente, e ao mesmo tempo analisar os usos contextuais particulares, sem todavia exagerar as diferenças de sentido” (Silva, 2010: 35). Salienta a importância da identificação dos mecanismos cognitivos básicos de mudança semântica e de polissemia (que associam os diferentes sentidos de uma palavra): a metáfora (transferência de um domínio da experiência para outro distinto) e a metonímia (relação mental de contiguidade entre objetos ou conceitos), juntamente com a especialização e a generalização de significados. Estes mecanismos cognitivos ocorrem no vocabulário madeirense em estudo, originando mudanças semânticas e polissemia e, conseqüentemente, variação no significado das palavras.

No que se refere ao significado lexical na cultura, isto é, especificidades culturais e históricas do significado, Silva (2010) informa que o significado tem origens especificamente culturais e históricas, logo não universais, dado que a cognição, linguagem e significado estão situados num contexto sociocultural. Por esta razão, esquemas imagéticos, metáforas e metonímias envolvem especificidades culturais. Sobre o significado na sociedade e no discurso, relacionado com estereótipos, normas semânticas e variação lectal – termo que designa todos os tipos de variedades

linguísticas ou lectos (dialetos, variedades nacionais, socioletos, registos, estilos) – Silva refere que se constroem na interação social, ou seja, os nossos conceitos, significados e realidades são produto de mentes individuais em interação entre si e com os contextos físicos, socioculturais, políticos, morais, etc. Pois, “qualquer língua é um diassistema social e o conhecimento semântico é desigualmente distribuído pelos membros de uma comunidade linguística” (Silva, 2010: 37). De acordo com Silva (2010), a ideia crucial é a de que existem mecanismos sociocognitivos que garantem a coordenação semântica dentro de uma comunidade linguística e forças que determinam a distribuição de interpretações e, inclusive, permitem alterar a distribuição existente. Portanto, o fator sociocultural é fundamental para compreendermos a variação semântica e é inseparável da realidade histórica e geográfica, neste caso da ilha da Madeira. Conclui que a melhor manifestação da dinâmica social do significado é a variação linguística, mais especificamente a variação intralinguística ou variação lectal.

Deste modo, chama à atenção para o facto de o significado não-denotacional compreender quatro subtipos: (i) significado emotivo (de termos pejorativos, por exemplo), (ii) significado regional (de termos regionais), (iii) significado estilístico (de termos populares ou eruditos, formais ou informais) e (iv) significado discursivo (presente em formas de tratamento, por exemplo; significado único em determinadas expressões como interjeições e marcadores discursivos). Os sinónimos denotacionais evidenciam diferenças regionais, sociais, estilísticas e pragmático-discursivas e são essas diferenças que motivam a própria existência e competição de variedades de uma língua. É este quadro teórico da Linguística Sociocognitiva e da variação lectal que melhor descreve a complexidade e a especificidade do léxico diferencial madeirense estudado, sendo fundamental para explicar como “os significados das palavras são categorias da nossa experiência individual, coletiva e histórica. Como categorias usadas para dar sentido ao mundo, os significados das palavras são dinâmicos e flexíveis” (Silva, 2010: 43) e não podem ser separados das diferentes formas de conhecimento do mundo. Posto isto, o significado lexical é enciclopédico e envolve conhecimento do mundo adquirido em interação com outras capacidades cognitivas.

Neste sentido, os mecanismos cognitivos estão subjacentes ao significado lexical situado num contexto sociocultural e esta “situacionalidade sociocultural”

codetermina o significado lexical, uma vez que as metáforas, esquemas imagéticos e outros modelos cognitivos têm origens histórica e culturalmente específicas. Silva (2010) defende que a Semântica Cognitiva deve integrar mais sistematicamente a situacionalidade sociocultural do significado e metodologias de *corpus* quantitativas e multivariacionais. Este estudo da variação semântica de algum léxico diferencial madeirense parte deste conceito.

METODOLOGIA DE ESTUDO

O inquérito semântico-lexical utilizado, enquanto método de recolha de dados, tem uma primeira parte destinada ao perfil sociocultural do informante, solicitando informações sobre a sua idade, sexo, naturalidade, origem dos pais e avós maternos e paternos, escolaridade, profissão e contactos linguísticos. A segunda parte é constituída por um quadro em que, na primeira coluna, fornecemos uma lista de 40 vocábulos e expressões madeirenses descontextualizados, questionando, na segunda coluna, os falantes sobre os seus significados e, numa terceira coluna, pedindo exemplos de uso. A descontextualização das unidades lexicais deve-se ao facto de pretendermos recolher a variação de significados, tendo em conta as experiências cognitivas, sociais e culturais, dos informantes.

Neste caso, para a aplicação do inquérito, não foi necessário seguir a metodologia dialetal de estabelecimento de uma rede de pontos de inquérito nos diferentes concelhos da ilha, assim como também não seguimos o critério de contemplar informantes idosos e pouco escolarizados, representativos dos falares locais. Pois, a amostra de informantes utilizada para este estudo é composta por 25 estudantes do curso de Estudos de Cultura da Universidade da Madeira, regimes diurno e pós-laboral, com diferentes origens geográficas e socioculturais dentro da ilha da Madeira. Estes pertencem a oito diferentes concelhos: Funchal (F), Santa Cruz (Camacha - CSC - e Caniço - CaSC), Câmara de Lobos (Estreito de Câmara de Lobos - ECL), Machico (Porto da Cruz - PCM - e Machico - Mac), Calheta (Cal), Ponta do Sol (Canhas - CPS), S. Vicente (SV), Santana (S. Jorge - SJS), faltando a representação dos concelhos da Ribeira Brava, do Porto Moniz e do Porto Santo. Destes, dez estudantes são do Funchal: freguesias de S. Roque (SRF), Santo António (SAF), Monte (MF), Santa Maria Maior (SMMF) e Imaculado Coração de Maria (ICMF). Doze estudantes são dos outros concelhos, principalmente de

áreas rurais, e três nasceram fora da Madeira, nomeadamente dois na Venezuela (Ven) e um em Inglaterra (Ing), territórios de emigração madeirense, sendo que os pais e avós deles são do Porto da Cruz (Machico), de Santo António (Funchal) e da Boaventura (S. Vicente). O facto de termos quase igual número de informantes do Funchal e dos outros concelhos é proporcional ao facto de a maior parte da população madeirense residir na capital da RAM.

Do ponto de vista sociolinguístico, não tivemos em conta todos os estratos sociais, com as respetivas faixas etárias e níveis de escolaridade, devido às especificidades da amostra já referidas. Deste modo, o grupo de estudantes que constitui a amostra pertence ao mesmo nível de escolaridade (superior), sendo maioritariamente (22/25) da faixa etária dos 18 aos 35 anos, embora, no grupo do curso pós-laboral, tivéssemos 3 informantes da faixa etária dos 36 aos 55 anos. Da amostra fazem parte 10 homens (H) e 15 mulheres (M). Apesar de não termos um número paritário de informantes dos dois géneros, a amostra será representativa da realidade madeirense. Na tabela I, podemos observar os perfis socioculturais dos informantes. (página seguinte)

ANÁLISE DOS DADOS

Da aplicação dos inquéritos resultou a constituição do *corpus* escrito para análise linguística. Os dados recolhidos permitem-nos observar a existência de variação semântica e lexical no (re)conhecimento e uso dos regionalismos madeirenses estudados. Assim, a par do significado tradicional destas palavras e expressões, averbado em vocabulários madeirenses e dicionários da Língua Portuguesa, documentámos novos significados, ainda não dicionarizados, fornecidos pelos falantes, que surgem nas definições dadas (sobretudo através de sinónimos da língua padrão, mas também de outros regionalismos). A sistematização das respostas obtidas permitiu assinalar os significados tradicionais ou esperados e os respetivos exemplos de uso, distinguindo-os dos outros, aceções diferentes ou novos significados atestados. Começamos por apresentar os resultados globais obtidos, designadamente os vocábulos mais conhecidos e usados pelos informantes da amostra: (*ar*)*rejeiras*, *baboseira*, *busico*, *cachada*, *cieiro* (todos os exemplos de uso com o significado tradicional), *grogue/meio-grogue* (apenas duas aceções diferentes do esperado, “bêbado” em vez de “porção de bebida alcoólica”), *passadas* (apenas

TABELA I: PERFIS SOCIOCULTURAIS DOS INFORMANTES

Identificação do informante	Localidade	Origem dos pais e avós	Gênero / sexo	idade
CSC1_HA3	Camacha (SC)	Camacha (SC)	H	23
Ven2_MA3	Venezuela (VE, onde viveu 9 anos)	Pais e avós do Porto da Cruz (Mac)	M	27
SRF3_HA3	São Roque (F)	Pai de SRF e mãe de SMF	H	22
SAF4_HA3	Santo António (F)	Pai de CL e mãe de SAF (avó materno da Fajã da Ovelha, Cal)	H	20
CSC5_HA3	Camacha (SC)	Camacha (SC)	H	23
CaSC6_HA3	Caniço (SC)	Pai da CSC e mãe do CaSC	H	21
SAF7_MA3	Santo António (F)	Pai do Campanário (RB) e mãe de SAF	M	20
ECL8_MA3	ECL	Pai de SJS e mãe de CL	M	22
MF9_MA3	Monte (F)	Pai de Mac e mãe do F	M	20
PCM10_MA3	Porto da Cruz (Mac)	Pais e avós do PCM	M	21
Cal11_MA3	Calheta (Cal)	Pai da Cal, mãe nasceu na Ven, avós da Cal	M	21
MF12_MA3	Monte (F)	Pai de SMF, mãe do MF	M	22
CPS13_HA3	Canhas (PS)	Mãe da PS e pai de São Tomé e Príncipe, avós maternos da PS e SV	H	20
Mac14_MA3	Machico	Machico	M	27
SMMF15_HA3	Santa Maria Maior (F)	Santa Maria Maior (F)	H	23
SV16_MA3	São Vicente	São Vicente	M	23
Mac17_MA3	Machico	Machico	M	25
Cal18_MB3	Calheta	Calheta	M	46
ICMF19_MB3	Imaculado Coração de Maria (F)	Pai de Mac e mãe do F, avós maternos da Tabua (RB)	M	46
Ven20_HA3	Venezuela	Pais e avós de SAF	H	24
Ing21_HA3	Inglaterra (Londres)	Pais e avós da Boaventura (SV)	H	22
SAF22_HA3	Santo António (F)	Pais do F e avós de SR do Faial, MF e Ponta Delgada (SV)	H	23
SMMF23_MA3	Santa Maria Maior (F)	Pai da PS e mãe do F	M	22
SJS24_MA3	S. Jorge (Santana)	S. Jorge (Santana)	M	23
SAF25_MB3	Santo António (F)	Santo António (F)	M	49

2 informantes parecem desconhecer o significado regional, indicando o padrão), *palheiro* (4 informantes indicam a aceção tradicional, sendo que a informante do Porto da Cruz dá também uma outra aceção regional da palavra, “tipo de galináceo pequeno”, enquanto os restantes registam a evolução semântica da palavra de estábulo de vacas para abrigo de cabras e galinhas e armazém, bem como “casa de campo”, a par de “casa pobre”, semelhante a um *palheiro*), *tapassol* (a maior

parte dos falantes conhece o significado tradicional, poucos referem novas aceções por metonímia de função), *terreiro* (também são poucos os que mencionam significados diferentes do registado nos vocabulários madeirenses de referência, por especificação “terraço” ou por generalização “terreno plano em frente da casa”, porém todos os exemplos de uso são com a aceção tradicional), *tim-tam-tum* (com dois significados diferentes, um por especificação e o outro por confusão, sendo que todos os exemplos de uso são com a aceção esperada), *trapiche* (predomina a aceção tradicional, surgindo diferentes definições da palavra por extensão semântica, com apenas um exemplo de uso), *trapichento* (com duas aceções de “louco” e, por generalização, “mal-arranjado”, “rabugento”, “caprichoso”, “que arma confusão”) e *tratuário/trotoário* (16 informantes indicam a aceção esperada, com 9 exemplos de uso, e apenas um informante atesta “berma”, por generalização do significado). No que diz respeito aos termos medianamente conhecidos, podemos indicar as palavras: *charola* (com 6 exemplos de uso e apenas 1 significado diferente), *cangueira* e *asservado/a* (as 6 respostas obtidas apresentam respetivamente apenas 1 e 2 exemplos de uso com significados distintos do tradicional), *babugem/babuginha* (dos 7 exemplos de uso, 3 são diferentes do esperado), *romagem* (dos 25 informantes, 5 fornecem o significado anteriormente documentado e os restantes atestam outras aceções por especificação – “romaria de Natal” e “canção na noite de Natal (na igreja)” –, ou por generalização – “festas folclóricas” e “excursão” –, com 2 exemplos de uso), *rajão* (com duas aceções diferentes do esperado, provavelmente por confusão com “rabeca” e “rajada”), *embeijado* (a maior parte dos exemplos de uso são com o significado tradicional, havendo sempre uma relação semântica ou sociocognitiva entre este e as novas aceções), *mira* (dos 25 informantes, 10 dão o significado regional e 5 a aceção padrão), *corçal/corsa* (apresenta 2 exemplos de uso com aceções que não correspondem ao significado esperado, “o meio de transporte rudimentar sem rodas usado na agricultura nas áreas montanhosas”, mas que se referem à realidade do carro de bois e do “carro de cesto” do Monte que, embora não tenha rodas, é usado como meio de transporte de turistas do Monte para o Funchal, também chamado “carro do Monte”). Como podemos ver, as novas aceções surgem sobretudo através de processos de generalização/especificação e de metáfora/metonímia. Os vocábulos e expressões, e respetivos significados, menos conhecidos e usados, estando claramente em desuso, são: *pangaiola* (nome atribuído

a um rapaz ou rapariga grande, mas com pouco juízo, que não foi reconhecido por nenhum dos informantes), *brinco/brinquinho* (em que documentámos apenas 2 significados tradicionais, em 7 exemplos de uso, sendo 5 com aceções padrão), *estar (n)um calhau* (“em desordem, desarrumado, confusão”, que os informantes apenas interpretaram literalmente como “estar na praia”, com a aceção regional de *calhau* como “praia”), *inção* (apenas com 2 exemplos de uso), *ementes, engamoer/esgamoer* e *estar fachado/a* (com 4 exemplos de uso cada). Relativamente a *matinar*, averbámos 6 exemplos de uso com o significado antigo face a 3 aceções padrão, enquanto para *matina* só a informante de S. Jorge diz usar o termo com o significado tradicional. Quanto a *pangueiro/a*, apenas 3 informantes indicaram o valor semântico esperado e somente uma mulher diz ainda usar a palavra. Para o vocábulo *passapalo*, registámos 4 definições e 2 exemplos de uso, enquanto para *papiar* documentámos o significado de “falar muito” (7 informantes) e 3 aceções distintas, sendo desconhecido para 13 inquiridos. A unidade lexical *sarrame* foi identificada apenas por 2 informantes: uma mulher do Porto da Cruz (Machico) que indicou a aceção tradicional e um homem do Funchal que forneceu um novo significado relacionado com o anterior.

ANÁLISE QUANTITATIVA

Em conformidade com os pressupostos de natureza metodológica adotados, apresentamos alguns resultados quantitativos específicos, obtidos na aferição da ocorrência ou não de variação semântica das unidades lexicais, tendo em conta os fatores de natureza extralinguística: origem geográfica e género dos inquiridos (incluindo as variáveis socioculturais de urbanidade vs. ruralidade) que podem condicionar o comportamento linguístico dos inquiridos, ou seja, o (re) conhecimento e uso do léxico diferencial madeirense.

A análise quantitativa dos dados deste estudo coloca alguns problemas estatísticos pelo facto de o número de informantes não ser homogéneo por localidades, nem por género (15 M e 10 H), o que se deve à amostra ser constituída pelo universo de estudantes já mencionado. Contudo, os dados obtidos, de acordo com as variáveis externas controladas, são representativos da comunidade de fala estudada. As respostas múltiplas, com duplos significados fornecidos por um mesmo falante para uma determinada unidade lexical, por exemplo: *palheiro* “abrigo para animais”

e “galináceo pequeno” (duas aceções madeirenses da palavra), tal como para *brinco/brinquinho* “arrecadas” e “brinquedo” ou “instrumento musical” (dando significados regionais e padrão), também dificultam o tratamento quantitativo dos dados.

Dos dados quantitativos gerais, obtidos por localidades e por género, destacamos os resultados mais significativos ou contrastantes de alguns itens lexicais e respetivas percentagens de respostas com significado tradicional, significado diferente e significado desconhecido, bem como as dos vocábulos usados e a sua distribuição pelas variáveis localidade ou origem geográfica (Funchal, outros concelhos e lusodescendentes) e género ou sexo (homens e mulheres). Ou seja, cada tabela apresenta a quantificação dos dados obtidos para um item lexical, por tipo de resposta, tendo em conta as diferentes origens geográficas e género dos inquiridos.

**TABELA II - RESULTADOS OBTIDOS PARA O VOCÁBULO
(AR)REJEIRAS**

<i>(Ar)rejeiras</i>	Funchal	Outros concelhos (localidades)	Lusodescendentes	Homens	Mulheres	Total	%
Significado tradicional	8 (3 H, 5 M)	7 (3 H, 4 M)	0	6	9	15	60%
Significado diferente	1 H	1 M	0	1	1	2	8%
Significado desconhecido	1 M	4 (3 M, 1 H)	3 (1 M, 2 H)	3	5	8	32%
Vocábulo usado	3 (1 H, 2 M)	5 (3 H, 2 M)	0	4	4	8	32%

(Ar)rejeiras é um termo antigo, usado para denominar os suspensórios, sobretudo das calças dos homens. Como podemos observar na tabela II, há variação significativa na perceção do (re)conhecimento (60%) e uso da palavra (32%) pelos informantes, em termos quantitativos (expressos em percentagens). Apontamos um aparente maior desconhecimento do vocábulo nas localidades fora do Funchal e pela totalidade dos lusodescendentes e um maior conhecimento do seu significado tradicional por parte das mulheres (9 para 6 homens), embora tenhamos mais informantes femininos do que masculinos.

**TABELA III - RESULTADOS OBTIDOS PARA O VOCÁBULO
BABOSEIRA**

<i>Baboseira</i>	Funchal	Outros concelhos (localidades)	Lusodescendentes	Homens	Mulheres	Total	%
Significado tradicional	8 (3 H, 5 M)	9 (3 H, 6 M)	3 (2 H, 1 M)	8	12	20	80 %
Significado diferente	2 (1 H, 1 M)	3 (1 H, 2 M)	0	2	3	5	20 %
Significado desconhecido	0	0	0	0	0	0	0 %
Vocábulo usado	9 (4 H, 5 M)	10 (4 H, 6 M)	3 (2 H, 1 M)	10	12	22	88 %

Baboseira é um dos vocábulos mais conhecidos (80% com o significado tradicional e 20% com significado diferente, mas relacionado) e usados (com 88% de exemplos de uso), tanto no Funchal como nas localidades dos outros concelhos, incluindo os lusodescendentes e apresentando poucas diferenças entre origem geográfica e género (embora as mulheres, em maior número, mostrem conhecer e usar um pouco mais a palavra do que os homens). Quanto à variação interna de significados diferentes do tradicional, também é mínima, mesmo quando cruzando esta variável com as variáveis externas.

TABELA IV - RESULTADOS OBTIDOS PARA O VOCÁBULO BAMBOTE

<i>Bambote</i>	Funchal	Outros concelhos (localidades)	Lusodescendentes	Homens	Mulheres	Total	%
Significado tradicional	1 M	1 M	0	0	2	2	8 %
Significado diferente	0	0	0	0	0	0	0 %
Significado desconhecido	10 (4 H, 6 M)	10 (4 H, 6 M)	3 (2 H, 1 M)	10	13	23	92 %
Vocábulo usado	0	1 M	0	0	1	1	4 %

Em relação ao nome *bambote* (do Inglês *buy on boat*), é um termo associado aos *bamboteiros* que usavam um pequeno barco no porto do Funchal para vender artigos regionais aos visitantes da ilha que chegavam de navio, o que originou os usos da palavra com os significados de “pequeno barco” e de “bandido” ou “malandro” (aceção conhecida e usada sobretudo nos meios rurais). Neste caso, as mulheres revelam ser mais conservadoras do que os homens, visto que duas identificaram os significados da palavra, sendo que apenas a informante do Porto da Cruz diz usar a palavra com a aceção de “bandido”, fornecendo o respetivo exemplo de uso. Trata-se de um vocábulo desconhecido para 23 (92%) dos inquiridos.

**TABELA V - RESULTADOS OBTIDOS PARA O VOCÁBULO BRINCO/
BRINQUINHO**

<i>Brinco/ Brinquinho</i>	Funchal	Outros concelhos (localidades)	Lusodescendentes	Homens	Mulheres	Total	%
Significado tradicional	4 (1 H, 3 M)	3 M	1 H	2	6	8	32 %
Significado diferente	3 H	4 (2 H, 2 M)	1 M	5	3	8	32 %
Significado desconhecido	3 M	5 (1 H, 4 M)	1 H	2	7	9	36 %
Vocábulo usado com significado tradicional	1 H	1 M	0	1	1	2	8 %

O vocábulo *brinco/brinquinho* apresenta dois significados tradicionais: “instrumento musical popular madeirense” e “brincadeira” ou “grupo de pessoas que se juntam para tocar e cantar, visitando várias casas”. Esta última aceção da palavra apenas foi indicada pela mulher do Porto da Cruz, área rural mais conservadora. No reconhecimento do significado tradicional como instrumento musical (32%), há pouca variação quanto à localidade ou origem geográfica, sendo mais expressiva em relação ao género dos informantes, onde as mulheres se destacam. Os dados relativos ao desconhecimento do termo (36%) revelam igualmente pouca variação entre localidades (com ligeira diferença entre o Funchal e os outros concelhos) e género.

TABELA VI - RESULTADOS OBTIDOS PARA O VOCÁBULO CHAROLA

<i>Charola</i>	Funchal	Outros concelhos (localidades)	Lusodescendentes	Homens	Mulheres	Total	%
Significado tradicional	2 (1 H, 1 M)	5 (2 H, 3 M)	0	3	4	7	28 %
Significado diferente	3 (2 H, 1 M)	3 M	1 M	2	5	7	28 %
Significado desconhecido	4 (1 H, 3 M)	5 (2 H, 3 M)	2 H	5	6	11	44 %
Vocábulo usado com significado tradicional	2 (1 H, 1 M)	3 (2 H, 1 M)	0	3	2	5	20 %

Charola é um regionalismo semântico madeirense com a aceção de “armação de arame coberta de legumes e outras oferendas para a igreja”, sendo típica das festas religiosas. Nos resultados apresentados na Tabela VI, podemos verificar que o vocábulo é desconhecido para 11 informantes, 44% dos inquiridos (5 H e 6 M), sendo reconhecido na sua aceção tradicional (28%), apenas por 2 falantes do Funchal e 5 de outros concelhos, sem grande variação no que se refere à variável género. 28% dos informantes indicam significados diferentes do esperado (2 H e 5 M).

TABELA VII - RESULTADOS OBTIDOS PARA O VOCÁBULO MATINA

<i>Matina</i>	Funchal	Outros concelhos (localidades)	Lusodescendentes	Homens	Mulheres	Total	%
Significado tradicional	2 (1 H, 1 M)	6 (1 H, 5 M)	0	2	6	8	32 %
Significado diferente (padrão)	6 (2 H, 4 M)	3 (2 H, 1 M)	1 H	5	5	10	40 %
Significado desconhecido	2 (1 H, 1 M)	3 (1 H, 2 M)	2 (1 H, 1 M)	3	4	7	28 %
Vocábulo usado com significado tradicional	0	1 M	0	0	1	1	4 %

Matina, com a aceção de “pequeno-almoço”, será um arcaísmo conservado na Madeira. Neste caso, há diferenças significativas nos valores quantitativos entre o (re)conhecimento da palavra (32%) no Funchal por 2 informantes (1 H e 1 M) e nos outros concelhos por 6 inquiridos (1 H e 5 M). A maioria dos informantes refere a aceção padrão da palavra (40%). O desconhecimento desta (28%) é quase idêntico entre os falantes do Funchal e de outras origens geográficas. No reconhecimento do significado tradicional do vocábulo, a diferença em género é significativa: 6 mulheres e 2 homens, ou seja, as mulheres revelam maior conhecimento da palavra. Quanto ao uso do termo com o seu significado tradicional, apenas a mulher de S. Jorge diz usá-lo. Estes dados confirmam a tendência conservadora dos vocábulos antigos nas áreas rurais, sobretudo no norte da ilha.

TABELA VIII - RESULTADOS OBTIDOS PARA O VOCÁBULO PALHEIRO

<i>Palheiro</i>	Funchal	Outros concelhos (localidades)	Lusodescendentes	Homens	Mulheres	Total	%
Significado tradicional	1 H	6 (2 H, 4 M)	2 (1 H, 1 M)	4	5	9	36 %
Significado diferente	8 (3 H, 5 M)	4 (1 H, 3 M)	1 H	5	8	13	52 %
Significado desconhecido	1 M	2 (1 H, 1 M)	0	1	2	3	12 %
Vocábulo usado com significado tradicional	0	3 (2 H, 1 M)	2 (1 H, 1 M)	3	2	5	20 %

No que respeita ao vocábulo *palheiro*, a diferença entre o reconhecimento do termo (36%) e o seu uso com o significado tradicional (20%) é evidente entre os inquiridos do Funchal e de outras origens geográficas. Apenas 1 falante no Funchal e 6 nos outros concelhos (2 homens e 4 mulheres) identificaram a palavra, que também foi reconhecida por 2 lusodescendentes. Porém, a diferença é pouco

significativa quanto à variável género, pois 5 mulheres e 4 homens identificaram a aceção tradicional do termo. Somente 5 falantes fornecem exemplos de uso do vocábulo com o significado esperado, 3 de fora do Funchal e 2 lusodescendentes.

TABELA IX - RESULTADOS OBTIDOS PARA O VOCÁBULO ROMAGEM

<i>Romagem</i>	Funchal	Outros concelhos (localidades)	Lusodescendentes	Homens	Mulheres	Total	%
Significado tradicional	3 (1 H, 2 M)	2 (1 H, 1 M)		2	3	5	20 %
Significado diferente	4 (2 H, 2 M)	6 (2 H, 4 M)	2 (1 H, 1 M)	5	7	12	48 %
Significado desconhecido	3 (1 H, 2 M)	3 (1 H, 2 M)	1 H	3	4	7	28 %
Vocábulo usado	5 (2 H, 3 M)	3 (2 H, 1 M)	2 (1 H, 1 M)	5	5	10	40 %

A palavra *romagem* destaca-se pelo facto de 12 dos informantes (48%) indicarem significados diferentes do tradicional, embora sendo aceções correlacionadas entre si. Sobressai também o resultado de 40% no uso do vocábulo com o significado tradicional e aceções diferentes.

TABELA X - RESULTADOS OBTIDOS PARA O VOCÁBULO TRATUÁRIO

<i>Tratuário</i>	Funchal	Outros concelhos (localidades)	Lusodescendentes	Homens	Mulheres	Total	%
Significado tradicional	8 (3 H, 5 M)	7 (2 H, 5 M)	1 M	5	11	16	64 %
Significado diferente	1 M	0	0	0	1	1	4 %
Significado desconhecido	1 H	5 (2 H, 3 M)	2 H	5	3	8	32 %
Vocábulo usado com significado tradicional	5 (3 H, 2 M)	3 (2 H, 1 M)	1 M	5	4	9	36 %

No caso do vocábulo *tratuário*, não documentámos grande diferença no seu conhecimento (64%) entre os inquiridos do Funchal e de outras origens geográficas. Quanto ao género, podemos sublinhar o maior reconhecimento da palavra por parte das mulheres em relação aos homens, embora não possamos esquecer o facto de a amostra ser constituída por 15 mulheres e 10 homens. Dos 16 informantes que dizem conhecer o vocábulo com o significado tradicional (64%), 9 dizem usá-lo (36%). No que diz respeito à variável localidade, uma das primeiras constatações é o carácter conservador da localidade do Porto da Cruz, freguesia da costa norte do concelho de Machico, tendo fronteira com o concelho de Santana. Pois, a jovem informante desta localidade é a que mais vocabulário reconhece e usa, talvez por

maior contacto com os avós e com o meio rural, estando os pais ainda muito ligados à terra e às suas tradições. De igual modo, a localidade de Machico (sede do concelho, já elevada a cidade) revela-se conservadora, provavelmente por ter sido, até há poucos anos, predominantemente rural, com as duas jovens informantes a identificarem e usarem muito do léxico diferencial em estudo.

Comparando a informante 24, da faixa etária A, natural de S. Jorge (concelho de Santana), com a informante 25, da faixa etária B, natural de S. António (concelho do Funchal), verificamos que a falante mais velha, embora seja de uma freguesia da capital do arquipélago da Madeira, por oposição a um concelho maioritariamente rural e com algum isolamento, na costa norte da ilha, conhece mais vocabulário do que a mais jovem (talvez por S. António ser uma zona alta do Funchal, área rural até há poucos anos). Todavia, como podemos observar, usa menos o vocabulário diferencial regional em relação à mais jovem (provavelmente por ser professora, exercendo a sua profissão no Funchal). O informante 6, jovem do género masculino, natural do Caniço, concelho de Santa Cruz, ao dar um exemplo de uso da palavra *busico*, usa um outro vocábulo conservado na Madeira: “Aquele busico passa o dia todo na *rotiça*”, variante fonética de *retoiça* (“brincadeira”), vocábulo não incluído no inquérito, que será um arcaísmo ou ruralismo.

Quanto à variável género ou sexo, como explica Freitag (2015: 17), é uma das categorias controladas para averiguar a “covariação entre língua e sociedade”. A autora afirma que “os primeiros estudos apontaram a preferência das mulheres por variantes linguísticas com maior prestígio, assim como a maior sensibilidade feminina ao prestígio social das formas linguísticas”, variantes padrão e não-padrão. Ou seja, as mulheres mais escolarizadas dos meios urbanos preferem usar variantes normativas da língua face a outras marcadas como populares ou regionais. Refere a visão do género como uma construção social ou cultural. Pois, tal como a idade, é uma categoria biológica que determina papéis e expectativas sociais. Menciona Milroy e Nichols que sugerem que as diferenças de género na variação linguística são devidas às forças sociais em virtude do seu lugar na economia. Freitag faz referência ainda ao paradoxo do género de Labov, em que o comportamento linguístico das mulheres é mais conformista do que o dos homens, face a normas prescritas, mas menos conservador do que os homens face a normas não explícitas, isto é, variantes não-padrão com prestígio encoberto. Isto prova como as mulheres podem

ser simultaneamente conservadoras ou inovadoras, nos estudos sociolinguísticos e de dialetologia regional. Freitag (2015) remete para Chambers que defende que as diferenças entre a fala dos homens e das mulheres não são atribuídas ao género em si, mas relacionadas com a amplitude dos contactos sociais ou geográficos, especialmente em situações de contacto linguístico rural/urbano, associado ao conceito de “rede social” ou hábitos de socialização dos indivíduos e do seu grau de envolvimento com a comunidade local. Acrescenta que o comportamento linguístico distinto entre homens e mulheres tende a desaparecer nas faixas etárias mais jovens, havendo uma neutralização da diferença de sexos entre os jovens, enquanto as mulheres mais velhas tendem a ser mais conservadoras no uso de variantes não-padrão, sobretudo se forem menos escolarizadas e/ou dos meios rurais. Logo, há uma interação entre as variáveis género, idade e escolaridade, mas também origem geográfica dos informantes. Sem esquecer o comportamento linguístico de uma comunidade de fala regional, com um sentimento de pertença a uma variedade geográfica da língua e identidade sociocultural, como é o caso da Madeira.

Apesar de não termos o mesmo número de informantes dos dois sexos, sendo difícil, por isso, comparar os dados obtidos, não encontramos diferenças significativas no (re)conhecimento e uso do vocabulário por parte de mulheres e homens. Porém, as mulheres parecem destacar-se como mais conservadoras, por exemplo em *bambote*, termo só reconhecido por 2 mulheres, com um exemplo de uso no Porto da Cruz. O nome *busico* é desconhecido apenas por dois homens, portanto as mulheres também se revelam mais conhecedoras deste vocábulo regional. A palavra *corçal corsa* é desconhecida por 6 homens e 6 mulheres, mas, como temos mais informantes mulheres, estas mostram ser mais conhecedoras do léxico tradicional madeirense. No caso de *cuscuzeiro*, o vocábulo também é mais conhecido por mulheres (8), face a 1 homem (talvez por ser um termo que denomina um instrumento de cozinha), e os significados diferentes do esperado são de 3 homens. O vocábulo *engamoer/ esgamoer*, arcaísmo conservado no meio rural, foi reconhecido por 4 mulheres, enquanto a expressão *estar (n)um calhau* não foi reconhecida por nenhum dos informantes na sua aceção tradicional de “calhau da ribeira” (recolhida da boca de uma informante idosa de Machico, como transposição do estado da ribeira com muitas pedras, depois de uma tempestade, sendo claramente uma metáfora). No que se refere a *sarrame*, apenas a mulher do Porto da Cruz indicou o significado

tradicional da palavra e um homem do Funchal averbou uma aceção diferente (semanticamente relacionada com a anterior) deste vocábulo antigo que tende a cair em desuso. Em relação à forma recente *trapichentola*, formada a partir do nome *trapiche*, observamos que as mulheres são mais inovadoras do que os homens, pois são as únicas que reconhecem e usam o termo. Para *tratuário/trotoário*, o conhecimento e uso da palavra é praticamente idêntico nos dois géneros, sendo desconhecido apenas por 7 informantes (3 M e 4 H) em 25 inquiridos, com 9 exemplos de uso.

ANÁLISE QUALITATIVA

A análise qualitativa dos dados recolhidos nos inquéritos permite-nos dar conta da variação semântica existente para cada uma das unidades lexicais. Começando pelas respostas à palavra (*ar*)*rejeiras*, a amostra documenta o seu significado tradicional “suspensórios”, indicado por informantes de diferentes localidades e concelhos. Apenas dois informantes atestam significados diferentes: “mangas do casaco” e “plantas”, sendo que, no primeiro caso, há uma relação semântica com o domínio do vestuário, enquanto no segundo parece não haver essa relação. Quanto ao vocábulo *asservado*, “quieto, sossegado, tranquilo, reservado”, obtivemos 6 respostas com este significado e 3 com aceções diferentes: “bem arranjado” e “pessoa correta”, havendo uma especialização semântica. Para (*a*)*zangalhar*, termo recolhido em conversa livre junto de madeirenses idosos do meio rural, com o significado de “agitar (um líquido)”, que incluímos no inquérito, foram registadas apenas 3 respostas: “dizer, falar”, “gozar” e “brigar/discutir”, nenhuma correspondente à definição esperada, talvez resultantes de um processo metafórico de passagem de um domínio concreto para outro com efeito semelhante, através da fala ou interação humana.

Relativamente a *baboseira*, documentámos o significado tradicional “(dar) mimos (em exagero/excesso)”, a par de “mimo”, juntamente com a definição para o adjetivo correspondente *baboso*, “pessoa (muito) mimada” e, consequentemente, “choro, lamúria sem razão”. No que diz respeito a *babugem/babuginha*, foi documentado o significado “superfície espumosa da água do mar”, mas também, por metonímia, “andar perto da margem”, “junto à costa/à maré”, “à margem, à beira da água (do mar)”, e ainda “perto do mar”, “leito do rio/mar” e “água parada”, mas também “perto de algo”, por generalização. A palavra *bambote*, com o significado

de “bandido”, foi reconhecida por uma informante e outra identificou-a como “pequeno barco”, por metonímia, pelo facto de corresponder ao antigo comércio chamado de “bombote”, que existia no porto do Funchal. A aceção de “bandido, malandro”, possivelmente, provém do feito que os *bomboteiros* ou *bamboteiros* só trabalhavam quando havia navios, em contraste com o duro trabalho diário dos agricultores e de outras profissões. O vocábulo *brincol/brinquinho* foi identificado como “instrumento musical/regional/tradicional” ou “objeto usado no bailinho típico da Madeira” e “objeto das celebrações tradicionais madeirenses”, bem como “brincadeira; instrumento musical utilizado no bailinho”, a par de “arrecadas/arcadas” (“brincos”), “brinquedo (de criança)” e “uma prenda pequena”, tendo um informante fornecido ainda um outro significado padrão da palavra, “impecável, bonito”. Esta variação semântica deve-se sobretudo à coexistência do significado regional com os significados padrão.

O termo *busico*, também característico do registo oral, corresponde à aceção de “pequeno/criança (pequena)”, mas também “pessoa baixa/pequena” e “algo pequeno” ou “pequenino”, provavelmente por influência de “búzio”, com a variante gráfica *buzico*. *Cachada* denomina as “nádegas/glúteos” ou “rabo”, “ancas”, mas também “bochecha” e “face”. A origem desta palavra será, de acordo com o *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos* de Leite de Vasconcelos, do domínio da agricultura, enquanto “pequena elevação de terreno arredondada”, configurando um processo cognitivo metaforizante de forma, transposto para o corpo humano, corresponde atualmente mais às nádegas do que às bochechas. O vocábulo *caiota/canhota* foi interpretado como “pimpinela” e “bananeira pequena”, significados não padrão, característicos da ilha da Madeira, mas também como “cumprimento”, “mãos” e *canhota* ainda como tendo o significado padrão de “pessoa que usa a mão esquerda/esquerdina”. *Cangureira* foi reconhecido como denominação de uma “cãibra/dor muscular/dor repentina” ou “prendimento/contração do músculo da perna”, mas também “formigueiro”, “dormente”, por metonímia, e ainda “geringonça”, possivelmente por associação a “canga”.

A palavra *charola* foi definida como “objeto que acompanha a *romagem*” e “armação (revestida) de/com frutas e vegetais”, que pode ser um “barco festivo de ferro típico das festas santas” (no Estreito de Câmara de Lobos), mas também “pinha de pendurar com flores ou frutas”. De igual modo, foram documentadas ainda as

seguintes aceções: “cesto de frutas”, “agrupamento/aglomerado de bens comestíveis (produtos da terra)” e “saco para transportar vegetais”, “saco de merenda” e “panela”, por especialização, a par de “conjunto de legumes”, por generalização. *Cieiro*, na aceção não padrão, é a “sujidade (do/no corpo/na pele já com algum tempo)”, por generalização, “sebo” e, por especialização, “comichão”. O termo *corça* ou *corsa* foi indicado como nome do “veículo de transporte à mão (de puxar, que ajuda no transporte de cargas)” ou “carro/carrinho de madeira (onde se transportam cargas pesadas)”, ainda “artefacto agrícola ou carrinho de escorregar” e “carroça/carro com bois” ou “espécie de carro de cesto”, neste caso referindo-se ao “carro de cesto” ou “cesto do Monte”, usado no transporte de turistas do Monte para o Funchal, como processo de especialização. O significado diferencial de *cuscuzeiro* na Madeira é “instrumento/recipiente (utilizado) para cozer arroz”, “objeto onde se coze o cuscuz”, ou “instrumento de culinária”, na língua padrão “bola de cozer arroz”, por analogia de função com o objeto perfurado para cozer o cuscuz a vapor. Todavia, documentámos também a aceção de “comentador de tudo, bilhardeiro”. Esta parece ser uma nova aceção da palavra, concorrente de *bilhardeiro/a*, provavelmente por metáfora ou transferência do domínio da culinária para o social, por deixar passar, neste caso, a informação. Outra possibilidade interpretativa será por confusão com o termo padrão *coscuvilheiro*.

Para o vocábulo *embeçadola*, os informantes indicaram a aceção não padrão “sem dinheiro”, mas também o sentido conotativo de “pobre”, “triste”, “amuado/chateado/mal-humorado”. Documentámos ainda uma aceção aparentemente contraditória, “estar bem arranjado, bonito”, e o significado padrão “(estar) apaixonado”. *Ementes* foi reconhecido como “enquanto” e “entretanto”, com dois exemplos de uso, sendo uma forma do Português arcaico, enquanto *engamoer* ou *esgamoer* é “estar com fome”, “desejo por comida” e “comer”, mas também “maldisposto”, novo sentido conotativo. Estar *fachado/a* é “estar orgulhoso”, mas também “estar bem arranjado” e ainda “disfarçado”. Um informante indicou a aceção padrão, “com fissuras”. A expressão *estar (n)um calhau*, “estar desarrumado, desorganizado, num caos”, constitui um processo metafórico em relação à imagem de um calhau ou aglomerado desordenado de pedras. Porém, os informantes apenas indicaram a aceção de *calhau* como praia, “na/numa praia (lugar com pedras)”, “estar num pedaço de rocha/em cima de pedras”, “à beira de água”. Curiosamente,

foram registados ainda outros significados: “ser moreno”, por andar sempre no *calhau* (praia), e “cansada, preguiçosa”, com o exemplo de uso “estou num calhau, hoje”, e ainda “estar mal”.

Grogue ou *meio grogue* foi definido como “(um copo/cálice de) aguardente/bebida alcoólica (meia bola)” ou “beber um copo pequeno” e, em sentido conotativo, “(estar) bêbado”. Quanto a *inção*, é “alguém que não para quieto, esperto” e “pequeno”, processo metaforizante do nome proveniente do verbo *inçar*, de planta que cresce e se dissemina. *Matina* é o “pequeno-almoço”, no entanto alguns informantes apenas mencionam o significado padrão de “acordar / levantar-se cedo”, “(de/pela) manhã”. Já *matinar* é “tomar o pequeno-almoço” ou “comer de manhã”, aceção tradicional da palavra que será um arcaísmo, estando a cair em desuso. Alguns inquiridos revelam apenas conhecer o significado padrão da palavra, “acordar/ levantar cedo” e “ficar a pensar no mesmo assunto, muitas vezes seguidas”. O empréstimo do Espanhol *mira*, “oriundo de/que nasceu na Venezuela” ou “pessoa (natural) da Venezuela/venezuelano”, “nome dado aos venezuelanos”, também foi definido como “palavra venezuelana que significa vê”, “olha(r)”, pois provém desta palavra, sendo uma metonímia enquanto parte pelo todo. Um informante forneceu a definição padrão do vocábulo, “instrumento/parte de (uma) arma”, e outro interpretou-o como “no sentido”, provavelmente semanticismo relacionado com o anterior. Para *palheiro*, as respostas obtidas foram: “habitação de animais ou de arrumar material da fazenda”, “onde se guardava o gado”, “local de guardar/ onde ficam os animais/o gado (ou galinhas)”, “casa para abrigar os animais”, aceção tradicional a par de “galo de espécie pequena”, que também é um regionalismo madeirense. Atestámos também os significados de “lugar onde se guarda as cabras”, “casa de palha”, “casa pobre tradicional da Madeira” ou “casa antiga”, “local onde se guarda utensílios (de trabalho)/pequeno armazém de arrumação” e “casa de campo”. Esta última aceção é recente pelo facto de estas estruturas antigas de pedra, que serviam para criação de vacas, terem vindo a ser utilizadas com outros fins, nomeadamente como casa de campo. É de referir também a interpretação de “fecho das calças”, definição curiosa que denota uma metáfora humorística de cariz popular. A palavra *pangaiola* não foi reconhecida por nenhum informante, enquanto o vocábulo *pangueiro/a* foi identificado apenas por 3 inquiridos: “que não paga o que deve/caloteiro”. Como podemos ver, além da definição por paráfrase, esta

foi também dada através de um sinónimo da língua padrão (caloteiro). *Papiar*, verbo antigo correspondente a “falar”, ainda presente em crioulos de base lexical portuguesa, foi identificado como “falar (muito/demais)”, “estar sempre a falar (sem parar)”, mas também “comer (tudo ou muito)”. O termo *passada(s)* significa “escada(s)”, “degrau(s)”. Porém, um informante indicou a aceção de “passeio da estrada”, talvez por se dizer “sobe a passada”, e dois revelaram conhecer apenas o significado padrão da palavra: “(um) passo (com um ritmo certo)”. *Passapalo* é um neologismo ou empréstimo regional do Espanhol da Venezuela de *pasapalo*, que terá sido introduzido na ilha da Madeira com o regresso de muitos migrantes madeirenses naquele país, tendo a aceção de “entrada de comida/aperitivo/dentinhol/petisco”, coexistindo com o termo *dentinhol*, regionalismo madeirense indicado como sinónimo, tal como os termos do Português padrão. *Rajão* é um “instrumento musical/tradicional (de cordas, da Madeira/do bailinho, estilo guitarra/parecido a uma braguinha)” ou “parecido a um violino rústico”. Nesta última definição, o informante denota confusão com a chamada *rabeca*. Um inquirido, além da aceção de “instrumento”, deu também a de “rápido”, talvez por confusão com rajada (de vento). Para *romagem*, “conjunto de pessoas que levam ofertas para o arraial”, nas respostas há tanto uma generalização do significado para “festas folclóricas” e “procissão (numa festa religiosa)”, como uma especialização do mesmo em “romaria(s) (de Natal)”, “cantigas/canções que se entoam na noite de Natal, na igreja” e “tradição natalícia”. Apenas um informante mostra desconhecer o significado diferencial da palavra, indicando a aceção padrão de “excursão” ou romaria. O vocábulo *sarrame* será um arcaísmo para designar “confusão”. Por analogia, foi registada a definição de “aglomerado”, sendo que apenas dois informantes reconheceram a palavra. O nome *tapassol* é definido como “(cobertura de madeira ou metal) que tapa o sol das janelas”, “janela de alumínio”, “proteção das janelas das casas” e “parte exterior de uma janela, geralmente verde”. Alguns informantes referem, em vez da aceção tradicional, as novas formas de tapar o sol, com a utilização do mesmo nome: “tecido que protege do sol” e “estore/estoros”, revelando um processo de generalização do significado do termo. Para *terreiro*, “espaço à frente de casa”, recolhemos as seguintes aceções diferentes do esperado: “terreno (em frente à casa) plano” e “terraço”, respetivamente processos de generalização e de especificação do significado tradicional. *Tim-tam-tum* é uma “bebida alcoólica,

licor (regional/típico do Natal madeirense)”, por metonímia “especiaria que dá origem a um licor” e, por confusão com pim-pam-pum, “jogo de crianças (de escolha)”. Por sua vez, *trapiche* é a “casa de cuidado mental/manicómio/casa de/dos loucos”, no sentido conotativo “estar tudo louco”, “desarrumado/desarrumação” e “confusão”. Uma das informantes, que é professora, refere o topónimo do concelho do Funchal e o conceito primitivo da palavra que o originou, “localidade/engenho de aguardente”. Quanto à forma *trapichento* (derivada de *trapiche*) foi definida como “louco”, mas também “mal-arranjado”, “rabugento”, “que arma confusão” e “caprichoso”, por especialização do significado. Para *tratuário*, com a variante *trotatório*, registámos as aceções de “passeio (do Funchal/da estrada/da rua)”, mas também “berma”, por generalização. Bazenga (2015: 116-117) explica que o termo *tratuário* é um empréstimo do Francês *trottoir*, tal como *trotatório*, sendo as duas formas hibridismos, ou seja, resultantes do entrelaçamento de constituintes da língua francesa e portuguesa.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em Nunes (2014: 366-367), o estudo sociolinguístico da pequena amostra do universo do Português falado na cidade do Funchal revela a existência de variação semântica no uso de alguns regionalismos madeirenses, tendo em conta a influência dos fatores socioculturais (sexo, idade e escolaridade), mas também da variável geográfica da origem urbana ou rural dos informantes e a vitalidade dos mesmos. Nesse estudo, o regionalismo semântico *embeijado* tende a ser usado com o significado padrão, havendo manifesto desuso da aceção tradicional. Pelo contrário, os regionalismos *baboseira* e *trapiche*, entre outros, são muito usados, apresentando forma e significado estáveis, e são bem conhecidos por todos. Os regionalismos menos conhecidos e menos usados são claramente os que estão a perder vitalidade, sendo sentidos já como arcaísmos, por exemplo *tratuário*, embora seja conhecido pelos informantes mais velhos. Curiosamente, no presente trabalho, este mesmo vocábulo revelou a sua vitalidade junto dos jovens universitários. Nunes (2014) observa que os fatores de variação social, sobretudo a idade, associada aos contactos linguísticos com áreas rurais, influencia o conhecimento e o uso dos regionalismos, pois os informantes idosos e adultos manifestaram conhecer e usar mais regionalismos do que os jovens. No presente trabalho, se tivermos em conta

as origens rurais da maior parte dos pais ou avós dos jovens informantes, mesmo os do Funchal, podemos verificar que muitos também provêm do meio rural.

Nunes (2017: 471-472) apresenta os resultados obtidos nos inquéritos semântico-lexicais realizados na cidade do Funchal e nas mesmas áreas rurais da ilha da Madeira aqui contempladas, concluindo que os vocábulos mais conhecidos em todas as localidades (e concelhos) e por todos os estratos sociais, independentemente do género ou idade, são, entre outros, *baboseira*, charola, *corçal corsa*, *passada*, *terreiro* e *tratuário*. Nesse sentido, serão os termos que apresentam maior vitalidade no Português falado na ilha da Madeira. Os vocábulos (ar)rejeiras, embeijado, matina, *matinar* e *papiar* são os menos conhecidos e usados, podendo ser classificados como ruralismos ou arcaísmos. Apesar de muitos destes termos terem origem rural, por estarem relacionados com a terra, Nunes (2017) confirma a sua vitalidade na cidade do Funchal, como são os casos de charola, *corçal corsa* e *terreiro*, provavelmente pelo facto de na amostra estarem representadas as localidades mais periféricas do concelho, de cariz rural até há pouco tempo. Conclui ainda que o fator diatópico se mostrou relevante, sobretudo no caso dos termos mais antigos, que são arcaísmos ou ruralismos, por oposição aos mais usuais ou correntes. Os fatores de variação social não se mostraram tão relevantes como seria de esperar, não havendo grandes diferenças entre os falantes dos dois géneros, embora as mulheres, por regra, tendam a ser mais conservadoras, nas áreas rurais, sobretudo quando se trata de arcaísmos tendencialmente a cair em desuso. No presente estudo, os vocábulos (ar)rejeiras e *matinar*, surpreendentemente, revelaram alguma vitalidade, mesmo entre os informantes do Funchal.

Outro estudo de Nunes (2019) mostra a palavra (ar)rejeiras como desconhecida, tanto para os inquiridos naturais do Funchal como das outras áreas geográficas da ilha da Madeira. Quanto a *baboseira*, foi um dos nomes mais reconhecidos, sobretudo pelos residentes fora do Funchal, e no concelho do Funchal é um termo usual, não apresentando variação semântica, o que mostra a sua solidez, resultado confirmado no presente trabalho. As outras palavras correntes ou usuais são: *buzico/busico*, *cachada*, *tapassol*, *terreiro* e *trapiche*. Os vocábulos menos conhecidos e usados são: *charola*, *corçal corsa* e *tratuário/trotoário*, que parecem estar a desaparecer junto dos jovens. No caso de *tratuário/trotoário*, este revelou-se relativamente bem conhecido e usado na amostra de jovens universitários deste estudo. Em Nunes

(2019), o fator sociocultural de género mostrou-se relevante, na medida em que, no Funchal, geralmente, as mulheres lideram o conhecimento deste léxico diferencial ou regional, assim como dos novos significados documentados. Também são as mulheres que apresentam maior percentagem no seu uso, o que pode ser confirmado de alguma forma no presente estudo, apesar de não apresentarmos igual número de informantes dos dois géneros.

Trata-se de resultados diferentes mas complementares, que retratam a complexidade da realidade linguística madeirense, uma vez que a língua é o reflexo de fatores histórico-geográficos e socioculturais, inseparáveis dos fatores cognitivos e estruturais ou funcionais da própria língua. Neste caso, a variação semântica e lexical documentada resulta da congregação destas variáveis internas e das variáveis externas ou extralinguísticas controladas: a origem geográfica ou localidade e o género ou sexo dos informantes, enquanto fatores socioculturais de variação linguística, que nos remetem para o conceito de “situacionalidade sociocultural do significado”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises quantitativa e qualitativa dos dados, além da variação semântica do léxico diferencial madeirense, revelam a variação geográfica e sociocultural existente no seu conhecimento e uso, mostrando que os regionalismos estudados são conhecidos e utilizados pelos jovens inquiridos. Os resultados obtidos indicam que não há diferenças significativas no conhecimento e uso deste vocabulário por localidades (e concelhos) nem por género, ocorrendo uma continuidade linguística e sociocultural entre o Funchal e as restantes áreas geográficas da ilha da Madeira. Em relação às 3 informantes mais velhas, quando comparadas com os outros informantes, a variação também é escassa tendo em conta a diferente faixa etária e os estudos de bacharelato realizados anteriormente na RAM por duas delas.

A proximidade entre as variedades urbana e rural dever-se-á ao facto de as localidades do Funchal representadas não serem as do centro, mas também por existirem contactos linguísticos entre muitos falantes da capital e dos outros concelhos (devido à mobilidade interna de muitos indivíduos para a “cidade”) e os informantes serem maioritariamente jovens, confirmando a tendência para a neutralização das diferenças de género nos comportamentos linguísticos destes, o

que se deve igualmente ao grau de escolaridade superior dos inquiridos, que esbate algumas diferenças existentes entre as referidas variedades do Português falado na ilha da Madeira. Devemos evocar ainda o facto de se tratar de uma comunidade de fala regional, com sentido de identidade sociocultural e sentimento de pertença a uma variedade geográfica da Língua Portuguesa.

Neste sentido, estamos perante o que podemos chamar a “situacionalidade sociocultural do significado”, neste caso feita de insularidades linguísticas, geográficas e socioculturais, representativas da variação semântica de algum léxico diferencial na ilha da Madeira. Posto isto, o presente estudo parece confirmar a tendência dos falantes para manterem e valorizarem o seu património linguístico madeirense, enquanto elemento da sua identidade linguística e sociocultural regional. Falta comparar estes resultados com dados recolhidos na aplicação dos mesmos inquéritos no Porto Santo, para aferirmos a existência de um *continuum* linguístico entre as duas ilhas povoadas do arquipélago ou, pelo contrário, a observação de outras insularidades lectais.

BIBLIOGRAFIA

- Baldinger, Kurt, 1964, “Sémasiologie et onomasiologie”, in *Revue de Linguistique Romane*, nº 28, pp. 249-272.
- Bazenga, Aline, 2015, “Tratuário”, in Ana Salgueiro & Paulo Miguel Rodrigues (coord. e org.), *Cabral do Nascimento. Escrever o mundo por detrás de um monóculo e a partir de um farol*, Funchal, Imprensa Académica, pp. 116-118.
- Bazenga, Aline, 2011, “Aspetos do Português falado no Funchal e variedades do Português”, *III Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. A formação de novas gerações de falantes de Português no Mundo*, Macau, Universidade de Macau.
- Bazenga, Aline, 2016, “Sociedades insulares e identidade: aspetos linguísticos da ‘madeirensidade’ no Atlântico lusófono”, *Grande Dicionário Enciclopédico da Madeira* (vol. Antezero), Lisboa/Funchal, APCA/INCM, pp. 216-225.
- Bernárdez, Enrique, 2008, *El Lenguaje como Cultura*, Madrid, Alianza Editorial.
- Bucholtz, Mary & Kira, Hall, 2005, “Identity and Interaction: A Sociocultural Linguistic Approach”, in *Discourse Studies*, 7 (4-5), pp. 585-614.
- Dirven, René, Frank, Roslyn & Putz, Martin (eds.), 2003, *Cognitive Models in Language and Thought: Ideology, Metaphors, and Meanings*, Berlin/New York, Mouton de Gruyter.
- Freitag, Raquel Meister Ko, 2015, “(Re)Discutindo Sexo/Gênero na

Sociolinguística”, in Raquel Meister Ko Freitag & Cristine Gorski Severo (org.), *Mulheres, Linguagem e Poder – Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*, São Paulo, Blucher, pp. 17-74.

Geeraerts, Dirk, 2002, “The theoretical and descriptive development of Lexical Semantics”, in Leila Behrens & Dietmar Zaefferer (eds.), *The Lexicon in Focus. Competition and Convergence in Current Lexicology*, Frankfurt/Berlin, Peter Lang, pp. 23-42.

Geeraerts, Dirk, 1993, “Vagueness’s puzzles, polysemy’s vagaries”, in *Cognitive Linguistics*, 4 (3), pp. 223-272.

Geeraerts, Dirk, Grondelaers, Stefan & Bakema, Peter, 1994, *The Structure of Lexical Variation. Meaning, Naming, and Context*, Berlin/New York, Mouton de Gruyter.

Geeraerts, Dirk, 2005, “Lectal variation and empirical data in Cognitive Linguistics”, in Francisco J. Ruiz de Mendoza & Sandra Peña Cervel (eds.), *Cognitive Linguistics. Internal Dynamics and Interdisciplinary Interactions*, Berlin/New York, Mouton de Gruyter, pp. 163-189.

Geeraerts, Dirk, 2008, “Prototypes, stereotypes and semantic norms”, in Gitte Kristiansen & René Dirven (eds.), *Cognitive Sociolinguistics: Language Variation, Cultural Models, Social Systems*, Berlin/New York, Mouton de Gruyter, pp. 21-44.

Heinz, Michaela, “Le Dictionnaire des Régionalismes de France: analyse macro et microstructurelle”. Disponível em <http://andre.thibault.pagesperso-orange.fr/Heinz.pdf> (consultado a 25 de novembro de 2018).

Kristiansen, Gitte & Dirven, René (eds.), 2008, *Cognitive Sociolinguistics: Language Variation, Cultural Models, Social Systems*, Berlin/New York, Mouton de Gruyter.

Lakoff, George, 1987, *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*, Chicago, The University of Chicago Press.

Lakoff, George & Johnson, Mark, 1999, *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*, New York, Basic Books.

Langacker, Ronald W., 1987, *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. 1: Theoretical Prerequisites, Stanford, Stanford University Press.

Lebaud, Daniel, 2004, “Toucher: le tango des sens. Problèmes de sémantique lexicale”, in *Revue des Linguistes de l’Université Paris Ouest Nanterre La Défense*, n° 50, pp. 53-80.

Nunes, Naidea, 2014, “Variação social e vitalidade de alguns regionalismos madeirenses no Português falado na cidade do Funchal”, in *Confluência. Revista do Instituto da Língua Portuguesa*, n° 46, 1º semestre, Rio de Janeiro, pp. 335-370.

Nunes, Naidea, 2017, “Regionalismos madeirenses: estudo lexicológico da variação dialetal e sociolinguística na ilha da Madeira”, in *Revue de Linguistique Romane*, tome 81, n° 323-324, Strasbourg, Société de Linguistique Romane, pp. 433-475.

Nunes, Naidea, 2019, “A linguística histórica e o léxico diferencial: variação dialetal e sociolinguística de alguns regionalismos do Português falado na ilha da Madeira”,

- in Ernestina Carrilho, Ana Maria Martins, Sandra Pereira e João Paulo Silvestre (eds.), *Estudos Linguísticos e Filológicos Oferecidos a Ivo Castro*, Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, pp. 1023-1060.
- Palmer, Gary B., 1996, *Toward a Theory of Cultural Linguistics*, Austin, University of Texas Press.
- Pordata. Retrato da Madeira*. Edição 2018, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Putnam, Hilary, 1975, “The meaning of meaning”, in Keith Gunderson (ed.), *Language, Mind and Knowledge*, Minnesota, University of Minnesota Press, pp. 131-193.
- Rebelo, Helena & Nunes, Naidea, 2016, “Regionalismos madeirenses”, *Aprender Madeira – Dicionário Enciclopédico da Madeira*. Disponível em <http://aprendermadeira.net/regionalismos-madeirenses/> (consultado a 20 de novembro de 2018).
- Silva, Augusto Soares da, 2006, *O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição*, Coimbra, Almedina.
- Silva, Augusto Soares da, 2006, “The polysemy of discourse markers: The case of pronto in Portuguese”, in *Journal of Pragmatics*, n° 38, pp. 2188-2205.
- Silva, Augusto Soares da, 2009, “A Sociolinguística Cognitiva: razões e objeto de uma nova área de investigação linguística”, in *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos*, 13-1, pp. 191-212.
- Silva, Augusto Soares da, 2010, “Palavras, significados e conceitos. O significado lexical na mente, na cultura e na sociedade”, in *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e Cognição*, n° 41, pp. 27-53.
- Tuggy, David, 1993, “Ambiguity, polysemy, and vagueness”, in *Cognitive Linguistics*, 4 (3), pp. 273-290.
- Vasconcelos, José Leite de, *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos – DRA*, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Grupo de Filologia, Projeto realizado entre 1997 e 2017. Edição digital disponível em <http://alfclul.clul.ul.pt/clulsite/olddra/index.html> (consultado a 25 de novembro de 2018).